

A CARNE COMO UM DOS PARÂMETROS DE COMPREENSÃO DO DESEJO EM MICHEL FOUCAULT: SOBRE A EXPERIÊNCIA DE UM “DESPREGAR-SE DA CRUZ”

DIRCEU ARNO KRÜGER JUNIOR (orientando)¹
PROF. DR. CLADEMIR LUÍS ARALDI (orientador)²

¹Universidade Federal de Pelotas – dirceu.junior@ufpel.edu.br

²Universidade Federal de Pelotas – clademir.araldi@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A carne, conjuntamente com os *aphrodisia* e a sexualidade, representa um dos marcos conceituais basilares, no que tange ao conceito de desejo, na obra de Michel Foucault (1926-1984). A partir de uma ruptura com a ideia dos *aphrodisia*, celebrizada na Antiguidade (grega e romana), a carne constitui um dos primeiros clarões da subjetividade ocidentalizada, a datar do Cristianismo primitivo, sendo estabelecida, de acordo com Foucault, como a configuração subjetiva do corpo individual¹.

A carne, que precede a sexualidade (na Modernidade e na Contemporaneidade), compõe uma das faces do conceito de desejo foucaultiano, transitando entre o Cristianismo primitivo (primordialmente pagão) e a Cristandade tardia com Santo Agostinho (354-430). No quarto volume de *História da Sexualidade*, publicado em 2018, *As Confissões da Carne*, Foucault compreende a carne como um dos eixos onde se fundamenta, por meio das relações matrimoniais e da vida monástica, dois dos bastiões mais significativos do desejo enquanto carne, um possível vislumbre da ideia de uma retomada da vontade autônoma. Onde o “despregar-se da cruz”, na figura de uma teoria, retrabalhando o diagnóstico de Foucault, baseando-se na metáfora da crucificação estipulada por João Cassiano (360-435)², um dos chamados “padres do deserto”, explicita-se a carne como um dos primeiros movimentos que o indivíduo reconhece que sua vontade autônoma é imolada diante da convicção e da magnitude de uma vontade autônoma a qual lhe é superior e incontestável (supradivina). Foucault (2020, p. 315) assinala no livro *As Confissões da Carne*: “Acrescente-se que a extensão do cristianismo, sua constituição como religião de Estado e a importância das instituições eclesásticas – afinal de contas, o cristianismo foi a primeira religião a se organizar como Igreja”³.

A análise que sobrepõe Foucault ao marco da carne, no arcabouço do desejo, deslinda uma reflexão que pressupõe o desejo, na primitividade do pensamento cristão e, posteriormente, como a verdade da concupiscência arduamente arregimentada e combatida pelo indivíduo: “O furor contido no

¹ Esta tese está presente na conferência “Sexualidade e Poder” (2014, p. 55-75), ministrada por Foucault no Japão, na Universidade de Tóquio, no ano de 1978, e presente no quinto volume da compilação: *Ditos e Escritos: Ética, Sexualidade, Política* (página 70).

² A metáfora mencionada encontra-se presente no “Livro Quarto: Sobre a formação dos que renunciam ao mundo: Capítulo 35” (2015, p. 85-122), na obra *Instituições Cenobíticas* (escrita entre os anos de 420 e 430), de Cassiano.

³ E Foucault prossegue: “deram-lhe uma capacidade de penetração muito maior do que a filosofia na Antiguidade, ainda que sob suas formas populares.” Esta citação encontra-se presente no terceiro capítulo de *História da Sexualidade, Vol. IV: As Confissões da Carne*: “Ser Casado: I. O Dever dos Esposos”, de Foucault (2020, p. 311-354).

coração não ofende as pessoas que nos cercam, exclui, porém, o esplendíssimo brilho do Espírito Santo como se a cólera se manifestasse exteriormente.” (CASSIANO, 2015, p. 225) O casal, na relação matrimonial, atua duplamente e, de maneira frontal, contra as tentações advindas dos desejos imbuídos na carne, assim como, no monasticismo, o monge abdica de sua personalidade, em prol de uma ascensão, promulgada através de uma austeridade, que será capaz de catapultá-lo a um estandarte de sobriedade e de libertação garantidas pela soberania (e razoabilidade) da Providência Divina. O exame realizado por Foucault, em *As Confissões da Carne*, permite conceber que, contrariando Cassiano e a abnegação do indivíduo apregoado a cruz da vontade autônoma externa e transcendental, é executada uma microrrevolução por intermédio do sujeito ao “despregar-se da cruz” e retomar sua vontade autônoma, refutando a imperatividade da vontade autônoma divina que, consequentemente, secciona seu próprio desejo. No curso do *Collège de France: Subjetividade e Verdade* (1980-1981), precisamente na aula de 14 de janeiro, Foucault (2016, p. 34) argumenta: “Essa aquisição de uma modalidade de experiência não pode ser feita sem uma ação de si sobre si, uma relação com o outro e uma relação com a verdade”⁴.

O marco conceitual da carne, como interligação entre as segmentações dos *aphrodisia* e da sexualidade, é um dos primeiros lampejos correspondentes à empreitada do indivíduo na constituição subjetiva de si. Segundo Foucault, a carne, como subjetividade de um corpo prototípico, o corpo político e perpassado por intransigentes inscrições nos molde histórico da sexualidade e pelos contornos da biopolítica, manifestada por via da carne, manifesta, concomitantemente, a verdade da concupiscência e uma recalcitrante verdade do desejo. Renunciar a cruz, ao despregar-se dela, é um dos primeiros direcionamentos consagrados pelo sujeito, na tentativa de uma constituição ética de si, onde a verdade de sua concupiscência, afirmada paralelamente à verdade do desejo, descortina o provável recorte inexpugnável do desejo, na formação da memória ocidentalizada do indivíduo que luta, e, também, reluta.

2. METODOLOGIA

Partindo-se de uma metodologia analítica, o conceito de desejo em Michel Foucault, especificamente no escopo da carne, foi delineado mediante um estudo comparado com os paradigmas dos *aphrodisia* e da sexualidade. A premissa que envolve a carne, no modo como Foucault a investiga, não sugere que os indivíduos integrados à sociedade do período concernente ao Cristianismo primitivo, assim como da Cristandade tardia, exerciam uma microrrevolução, alicerçados na tecnologia de um “despregar-se da cruz”. Mesmo assim, o aparato teórico fornecido por Foucault oportuniza engendrar que a vontade autônoma do sujeito, ou dos sujeitos, tanto no casamento, da mesma forma que na vida monástica, está cerceada pela ótica de uma vontade autônoma supradivina que a absorve e compromete a capacidade do indivíduo de emancipar-se, recrudescendo um *status quo* que, politicamente, foi, de maneira gradual, subsumido pela Igreja, quando esta ainda estava em processo de escalada ao

⁴ E Foucault finaliza: “E nesse sentido me parece bastante claro que, estudando um pouco de perto essas artes de viver, certamente poderemos identificar de que maneira, na época helenística e romana, era proposto aos indivíduos determinado modo de ligação entre sua relação de si consigo e com a verdade.” Para um estudo mais aprimorado, acessar a aula de 14 de janeiro (2016, p. 25-44), do curso *Subjetividade e Verdade*, de Foucault.

topo da pirâmide social, como ordem regramental (e estatal). Como Foucault (2010, p. 253) pronuncia na aula de 17 de fevereiro de 1982, do curso *A Hermenêutica do Sujeito* (1981-1982): “Trata-se de uma visão do alto sobre si, e não de um olhar ascendente para algo diferente do mundo em que estamos”⁵.

Foucault observa a carne como calcada em preceitos que foram herdados diretamente do paganismo, com muitas nuances impregnadas de preceitos da Antiguidade. O termo *aphrodisia* foi cunhado pelos progenitores do marco conceitual da carne: “Os greco-romanos nunca fizeram exercícios passionais: se tivessem tempo e quisessem proceder a uma cultura de si para si, que se pode chamar de arte, as aspirariam à posse das letras.” (VEYNE, 1985, p. 241)⁶ Deste modo, a carne possibilitou o surgimento da sexualidade, na Modernidade e Contemporaneidade, no fim do século XVIII e início do século XIX, e estabelecer o desejo como uma técnica sublinhada pelos meandros das instituições de poder e, tornou-se, futuramente, o corolário dos mecanismos biopolíticos.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A problemática do desejo, no pensamento de Foucault, desvela um dos aspectos mais incógnitos de toda a sua obra. Os *aphrodisia*, a carne e a sexualidade, em termos conceituais, codificam o ensejo de um conceito de desejo foucaultiano, sob o pilar dos marcos históricos como: a literatura, a política e a ética, o desejo em Foucault é um dos ditames que está presente no âmago de sua obra: “A exclusão do prazer como fim parece ter sido, nos moralistas mais rigorosos, uma exigência; mas essa exigência era mais na posição de princípio do que um esquema que permitisse regular os comportamentos.” (FOUCAULT, 2013, p. 180)⁷ A vontade de precedência, que é o próprio desejo, a tentativa de uma não dilapidação do indivíduo, a investida deste de retratar a própria memória por meio de um ponto nuclear oriundo existente em si próprio, e não a partir das instituições que fundam e refundam essa memória em evidência, caracteriza o experimento de materialização de uma microrrevolução, da ultrapassagem do controle e do poderio das instâncias de poder que interceptam o processo de subjetivação individual e manipulam os capilares da constituição ética do indivíduo.

O desejo, foucaultianamente, é o trabalho de um ato de liberdade, de um esforço por parte do indivíduo em decifrar a verdade do desejo, para além da couraça da psicanálise, mas sim como uma estratégia de luta, de enfrentamento, de gládio para com os macropoderes. A carne, desta maneira, pode vir a ser simbolizada como um dos primeiros fragmentos do método de vulnerabilização do sujeito, isto é, de fragilização de suas probabilidades de resgatar sua vontade autônoma, e, de certa forma, redigir as linhas tangentes à memória de sua própria radicalidade, da impetuosidade de seu desejo: “A penitência primitiva era uma espécie de purificação de pecados cometidos após o batismo, recurso para ser reintegrado na comunidade cristã” (MUCHAIL; FONSECA, 2019, p. 201)⁸. O

⁵ E Foucault conclui: “Visão do alto de si sobre si que engloba o mundo de que se faz parte e que se assegura assim a liberdade do sujeito nesse próprio mundo”.

⁶ E Veyne complementa: “da sabedoria, da filosofia e de tudo aquilo que já se chamava Paideia”.

⁷ E Foucault conclui: “e codificar com precisão suas formas permitidas e proibidas.” Para uma averiguação mais contundente, ler “Capítulo V: A Mulher: III. Os Prazeres do Casamento” (2013, p. 177-192), em *História da Sexualidade, Vol. III: O Cuidado de Si*, de Foucault.

⁸ E os autores corroboram: “Acontecia uma só vez na vida, após um pecado grave ou um grande número de pecados e não consistia em um ‘ato’ mas em um ‘estado’, um modo de ser”.

conceito de desejo em Foucault é a vontade de preceder do sujeito fazendo de sua respectiva vulnerabilidade: uma estratégia de embate diante das estruturas de poder que o coíbem e que o desagregam no que tange à capacidade de seu sobressaimento nos jogos de veridicção e que insistem em reposicioná-lo, na ordem cadenciada do mundo e na órbita da racionalidade.

4. CONCLUSÕES

A saída do indivíduo de sua cruz de vontade autônoma exterior pode vir a ser comparada a saída da caverna na clássica alegoria platônica. A carne é um dos primeiros flertes, doravante ao prisma foucaultiano, de que a concupiscência é a magistral batalha do indivíduo contra o intangível de si próprio, aonde emancipar-se pode vir a ocasionar a derrota da carne contra os desejos intermitentes que mantêm sôfrego o sujeito que anseia por libertar-se e adentrar a harmonia da autonomia divina e moralizada.

A ideia de desejo em Foucault, assentada na concepção da carne, proporciona um espectro da configuração eticamente constitutiva do sujeito, dos recessos do poder, da relação atribulada entre o corpo e a subjetividade. Inseridos em um contexto de austeridade, socialmente reduzido, que exige uma postura de renúncia diante do mundo e de autocontenção, erodindo a vontade autônoma no baluarte da Providência Divina, da direção da consciência e do exame de consciência. Onde a carne e seus anseios são suplantados pelo escrutínio das forças do macropoder, de um contexto social ainda em estado proteiforme, ou seja, que esta mudando, sobrepujando ao indivíduo as amarras dos jogos de poder e dos jogos de veridicção. O desejo, a carne, a verdade da concupiscência, a verdade do desejo, a condecoração de um ato de liberdade, são tecnologias que clarificam: a atuação da engrenagem social, e, também, epistemológica, no longo decurso do indivíduo no intuito de viver a sua existência da forma mais genuína possível.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CASSIANO, J. **Instituições cenobíticas**. Juiz de Fora, MG: Edições Subiaco, 2015.
- FOUCAULT, M. **A hermenêutica do sujeito**: curso dado no Collège de France (1981-1982). 3 ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.
- _____. **História da sexualidade, vol. III**: o cuidado de si. 12 ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2013.
- _____. Sexualidade e Poder. In:_____. **Ditos e escritos, vol. V**: ética, sexualidade, política. 3 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014, p. 55-75.
- _____. **Subjetividade e verdade**: curso no Collège de France (1980-1981). São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2016.
- _____. **História da sexualidade, vol. IV**: as confissões da carne. São Paulo: Paz & Terra, 2020.
- MUCHAIL, S. T.; FONSECA, M. A. Parresía e confissão: uma genealogia do sujeito moderno. **Revista de Filosofia Aurora**, Curitiba-PR, v. 31, n. 52, p. 191-208, jan./abr. 2019.
- VEYNE, P. **A elegia erótica romana**: o amor, a poesia, o Ocidente. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.